

**FACULDADE DE ENFERMAGEM NOVA ESPERANÇA DE MOSSORÓ
CURSO DE BACHAREL EM FARMÁCIA
CURSO DE BACHAREL EM PSICOLOGIA**

**MARA ALINE LUCAS DOS SANTOS BARROS
MARIA LUISA DOS SANTOS ALENCAR**

AUTOMEDICAÇÃO POR UNIVERSITARIOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

**MOSSORÓ
2024**

**MARA ALINE LUCAS DOS SANTOS BARROS
MARIA LUISA DOS SANTOS ALENCAR**

AUTOMEDICAÇÃO POR UNIVERSITARIOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Artigo Científico apresentado à Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró (FACENE/RN), como requisito obrigatório, para obtenção do título de Bacharel em Farmácia e Psicologia.

Orientador(a): Profa. Ma. Lidiane Pinto de Mendonça Ferreira

Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró/RN – FACENE/RN.
Catalogação da Publicação na Fonte. FACENE/RN – Biblioteca Sant'Ana.

B277a Barros, Mara Aline Lucas dos Santos.

Automedicação por estudantes universitários: uma Revisão Integrativa / Mara Aline Lucas dos Santos Barros; Maria Luisa dos Santos Alencar. – Mossoró, 2024.

28 f. : il.

Orientadora: Profa. Ma. Lidiane Pinto de Mendonça.
Artigo Científico (Graduação em Farmácia e Psicologia) – Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró.

1. Saúde mental; 2. Automedicação; 3. Universitários; 4. Área da saúde. I. Alencar, Maria Luisa dos Santos. II. Mendonça, Lidiane Pinto de. III. Título.

CDU 615.03:159.9

**MARA ALINE LUCAS DOS SANTOS BARROS
MARIA LUISA DOS SANTOS ALENCAR**

AUTOMEDICAÇÃO POR UNIVERSITARIOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Artigo Científico apresentado à Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró (FACENE/RN), como requisito obrigatório, para obtenção do título de Bacharel em Farmácia e Psicologia

Aprovada em ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ma. Lidiane Pinto de Mendonça Ferreira– Orientadora
Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró

Prof^a Me. Alana de Oliveira Lima - Avaliadora
Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró

Prof^o. Dr. Felipe Guilherme de Souza – Avaliador
Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró

AUTOMEDICAÇÃO POR UNIVERSITÁRIOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

SELF-MEDICATION BY UNIVERSITY STUDENTS: AN INTEGRATIVE REVIEW

**MARA ALINE LUCAS DOS SANTOS BARROS
MARIA LUISA DOS SANTOS ALENCAR**

RESUMO

A automedicação é um costume reproduzido por diversas pessoas e de diferentes classes sociais, com o intuito de alívio rápido para dores. Porém com o surgimento dos tratamentos medicamentosos de transtornos mentais, destacando o TDAH, passaram a ser usados de forma indiscriminada. Além disso, com o objetivo de melhorar o desempenho acadêmico, estudantes universitários saudáveis passaram a fazer uso de psicoestimulantes, pessoas saudáveis com o desejo de melhorar o desempenho acadêmico, o que tornou-se um hábito cada vez mais normal entre universitários, principalmente da área da saúde. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi o de realizar um estudo comparativo de artigos de caráter qualitativo e quantitativo, para melhor expor e analisar os conhecimentos através da busca dos artigos, ressaltando os benefícios e malefícios. A pesquisa foi realizada com a seleção de leitura e análises de artigos publicados, voltados para o tema. Foram excluídas teses, dissertações, resumos, trabalhos incompletos e artigos pagos, as bases de dados utilizados foram a Scielo e Lilacs. A prevalência da automedicação na sociedade fica em torno de 72,5% a 80,1% e dessa porcentagem o gênero feminino é o que mais pratica com o percentual de 83%. De acordo com os dados encontrados 92% considera que a falta de conhecimento é o motivo pelo qual leva as pessoas a praticarem a automedicação. Entre os medicamentos usados com mais frequência na automedicação, aparece a dipirona com a porcentagem entre 29,8% e 74,20% de recorrência e o paracetamol com a porcentagem entre 26,8%. A pesquisa comparativa sobre o uso de remédios por estudantes universitários destaca a relevância de abordar com cautela a prática da automedicação com esse grupo, mesmo que seja considerado normal que universitários optem pela automedicação para lidar com sintomas corriqueiros, é fundamental reconhecer os perigos associados a essa conduta.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde mental; Automedicação; Universitários, Área da saúde.

ABSTRACT

Self-medication is a custom practiced by many people from different social classes, with the aim of providing quick relief from pain. However, with the emergence of drug treatments for mental disorders, especially ADHD, they began to be used indiscriminately. Furthermore, with the aim of improving academic performance, healthy university students began to use psychostimulants, healthy people with the desire to improve academic performance, which has become an increasingly normal habit among university students, especially in the area of health. In this sense, the objective of this work was to carry out a comparative study of qualitative and quantitative articles, to better expose and analyze knowledge through the search for articles, highlighting the benefits and harms. The research was carried out with the selection of reading and analysis of published articles, focused on the topic. Theses, dissertations, abstracts,

incomplete works and paid articles were excluded; the databases used were Scielo and Lilacs. The prevalence of self-medication in society is around 72.5% to 80.1% and of this percentage, females are the ones who practice the most with a percentage of 83%. According to the data found, 92% consider that lack of knowledge is the reason why people practice self-medication. Among the medications most frequently used in self-medication, dipyron appears with a recurrence rate between 29.8% and 74.20% and paracetamol with a recurrence rate between 26.8%. Comparative research on the use of medicines by university students highlights the relevance of cautiously approaching the practice of self-medication with this group, even if it is considered normal for university students to opt for self-medication to deal with common symptoms, it is essential to recognize the dangers associated with this conduct.

KEYWORDS: Mental health; Self-medication; University students, Health sector.

1 INTRODUÇÃO

Ao ingressar em uma instituição de ensino superior buscando sua formação acadêmica na profissão que deseja, o estudante universitário inserido neste novo ambiente precisará de recursos cognitivos e emocionais para lidar com as demandas que essa nova etapa exigirá dele. Pois esse momento acadêmico exige comprometimento, as demandas que surgem requerem uma rotina de estudos, que provavelmente mudarão ou terão significativas alterações em sua vida social.¹

Nesse sentido, a mudança de rotina pode acarretar diversos problemas, como por exemplo, ter que se ausentar de lugares e situações anteriormente comuns ou aumentar o tempo para os estudos, para assim, desempenhar o papel que se espera do mesmo. O universo acadêmico pode se mostrar um lugar estressante se não houver a apresentação de oportunidades adequadas, que auxiliem no desenvolvimento saudável da socialização, proporcionando uma boa comunicação entre professores e alunos.²

Em busca de um desempenho desejável, os universitários dedicam várias horas de estudos em busca de sua melhor performance. Pode ocorrer que o resultado do esforço não seja recompensador, levando o mesmo a procurar outras formas de atingir o resultado acadêmico desejado. Há alguns anos vem sendo comum a prática do *Smart Drugs* ou Nootrópicos, que são substâncias com ação cerebral, capazes de aumentar o foco, a atenção, a memória e o raciocínio, a utilização de medicamentos que melhoram o desempenho, concentração e ampliam a capacidade mental para se destacar no trabalho e nos estudos.³

A utilização de medicamentos sem prescrição médica, os de tarja vermelha e preta, ou o uso irracional de Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP) como paracetamol, loratadina, ibuprofeno, entre outros, é um costume realizado há muito tempo, independentemente da idade ou classe social. A automedicação é vista equivocadamente como um autocuidado, uma solução de alívio imediato, mas o uso sem a devida orientação de qualquer tipo de medicamento pode causar danos à saúde.⁴ Indivíduos instruídos para orientar as pessoas, e que possuem conhecimentos a mais sobre os medicamentos se sentem mais confiantes para realizar a automedicação. Assim, pode-se dizer que estudantes da área da saúde são um grupo que possuem um perfil que pode ser associado a essa prática, pois estão em um momento da vida estressante, com muitas cobranças e sendo frequentemente lembrados que precisam ser excelentes.^{5 6}

Desse modo, o objetivo de intensificar as funções cognitivas, alguns fármacos são utilizados por universitários saudáveis.^{7 8} As drogas nootrópicas aumentam o estado de

concentração, alerta e memória, assim aprimorando o desempenho intelectual do indivíduo.⁹ Estes agentes psicoestimulantes quando utilizados indiscriminadamente provocam efeitos colaterais que podem variar entre leves e severos podendo causar irritabilidade, ansiedade, alteração de humor, psicoses, pânico, convulsões, arritmias, podendo desenvolver uma dependência física e psicológica.¹⁰ Outra substância excitatória bastante consumida sem indicação profissional é a cafeína, que faz parte do grupo das metilxantinas. Sua utilização em doses moderadas resulta em uma ativação cortical suave com aumento do nível de alerta e redução da fadiga. Porém, em doses muito altas, produz estimulação bulbar e convulsões potencialmente letais.¹¹

O hábito de usar drogas para melhorar/turbinar a capacidade cognitiva não é nova, pode ser citado Sigmund Freud, “o pai da Psicanálise”, que no início de sua carreira receitava e estimulava o uso de cocaína com o objetivo de sanar sintomas psíquicos presentes em seus pacientes. Porém, tempos depois apresentou mais malefícios do que benefícios para o indivíduo, fazendo com que logo em seguida viesse a deixar de utilizar essa prática.^{12 13} Nesse sentido, deve-se lembrar que o uso de fármacos e qualquer substância com o intuito de melhorar o desempenho, precisa ser de forma responsável. Esta prática pode ter resultados favoráveis como a melhora de sintomas ou resolução do problema de saúde, mas costuma-se por vezes trazer prejuízos à saúde do indivíduo como o mascaramento dos problemas de saúde, intoxicação, reações adversas, interações medicamentosas e desenvolvimento de resistência.¹⁴

Nesse sentido, este trabalho teve como objetivo verificar a prática da automedicação realizada pelos universitários através de uma revisão integrativa.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 UTILIZAÇÃO DE FÁRMACOS NA MELHORA DO DESEMPENHO COGNITIVO

A aprendizagem ocorre de maneira construtiva, por meio de sensações e percepções,¹⁵ em que o ser humano conhece, compreende, inventa, cria, constrói e reconstrói.¹⁶ Com efeito, a aprendizagem acontece a partir da construção de estruturas de inteligências, as quais possibilitam ao indivíduo conseguir uma adaptação ao mundo real em um processo cada vez mais intenso,¹⁵ decorrente da aquisição de competências que abrangem os planos cognitivo, emocional e social.¹⁷ Entretanto, diversas condições podem implicar na deficiência da inteligência ou em transtornos cognitivos que afetam o aprendizado, podendo ser motivados por distúrbios orgânicos e ou não orgânicos, ou seja, resultantes de origem biológica e ou como indivíduo e membro de um determinado grupo social.^{18 19}

A entrada de jovens em instituições de ensino superior pode gerar uma mudança de ambiente e costumes, tornando-se um período de grande vulnerabilidade para o uso de intensificadores cognitivos, chamados também de drogas nootrópicas. Thomé (2022)²⁰, relata que o uso de medicação ansiolítica em uma escala de nível adotada, aumentou 6 % no nível alto e 1 % para o nível altíssimo e o uso de antidepressivos aumentou 5 % para o nível altíssimo.

O ensino superior é um momento repleto de expectativas, transformações e desafios da esfera psicossocial do indivíduo. De acordo com Basso (2013)²¹, atrelado a este momento de escolha profissional, o ingresso no ensino superior demanda uma série de mudanças em termos sociais, pessoais e profissionais, as quais se refletem no ajustamento à instituição e no rendimento acadêmico e cognitivo dos alunos. Com isso, o estudante traz em sua bagagem as habilidades, personalidade, experiências anteriores de estudos, seus valores e sua consciência de classe social. Conforme os pensamentos de Albanaes (2014)²², tanto o repertório pessoal quanto elementos diretamente relacionados à esfera acadêmica são imprescindíveis no processo de adaptação, ou seja, o indivíduo sofre influência do meio social em que está inserido.

Em estudantes universitários, as drogas nootrópicas parecem aumentar significativamente durante períodos estressantes, particularmente durante os períodos de provas.²³ O problema atinge também a fase na preparação ao ingresso nas instituições de educação superior.^{24 25} As drogas são úteis para melhorar a concentração, possibilitando estudar por mais tempo, aumentar o desempenho da memória de trabalho, aumentar a autoestima e lidar com estressores (sobrecarga acadêmica, competição com colegas, pressão constante para ter sucesso, encargos financeiros).²⁶ Ocorre que, a utilização dessas drogas gera a tendência de aumentar a probabilidade do reuso do estimulante, em doses mais altas e ou em combinação com drogas químicas, como os fármacos nootrópicos.^{26 27}

Estudos brasileiros e do Paraguai encontraram maior índice de consumo de psicoestimulantes (incluindo cafeína, metilfenidato, modafinil, piracetam, bebidas energéticas e anfetaminas) pelos alunos dos primeiros anos do curso de medicina.^{28 29 30 31 32}

Tabela 1 - Porcentagem de consumo de Psico Estimulantes por localidade

Ano	Localidade	Consumo de Psico Estimulantes %
1º	Rio Grande do Sul	69,20
	Minas Gerais	65,78
	Paraguai	22,00
2º	Rio Grande do Sul	61,50
	Minas Gerais	64,10
	Paraguai	32,00
3º	Rio Grande do Sul	40,80
	Minas Gerais	41,20
	Paraguai	18,00
4º	Rio Grande do Sul	34,80
	Paraguai	14,00

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024, adaptado de ^{28 29 30 31 32}

Um aspecto que merece atenção especial é a obtenção de um medicamento controlado sem prescrição adequada. O MPH (metilfenidato) é vendido apenas sob prescrição médica no Brasil e em outros países. No Brasil, a prescrição exige obrigatoriamente o receituário amarelo para medicamentos controlados. Além disso, a embalagem possui uma faixa preta atravessada na caixa, que indica que só pode ser vendida mediante prescrição médica e retenção da receita, traz informações sobre o risco de dependência química e psicológica conforme as especificações da Portaria SVS/MS nº 344 de maio de 1998. Apesar dessas medidas, um estudo recente mostrou que 24,3% dos alunos usuários de MPH o obtiveram através de ‘receita autoprescrição’ e 15% o obtiveram através de um amigo. ^{32 33}

Esse fato sinaliza um alerta vermelho sobre os riscos da automedicação e a importância da avaliação médica para o consumo de medicamentos prescritos por estudantes de graduação. Considerando que os medicamentos podem oferecer riscos de dependência, é relevante questionar se o fácil acesso a esses medicamentos pode contribuir para esse comportamento de automedicação e para a banalização do uso pelos futuros médicos. ³⁴

2.2 ASPECTOS FARMACODINÂMICOS DOS PSICOESTIMULANTES

O uso indiscriminado de psicoestimulantes por indivíduos saudáveis, sem indicação para tratamento, a longo prazo acarretará prejuízos à saúde física e mental. Entre os medicamentos usados pode ser citado a Ritalina (metilfenidato), conhecida como a “Pílula da Inteligência” é um fármaco amplamente utilizado para o tratamento do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), frequentemente usado como um estimulador cognitivo. ³⁵ Acredita-se que as melhorias nos domínios individuais da memória sejam efeitos secundários do aumento da vigilância e da atenção. Já o adderall (anfetamina) aumenta a liberação de dopamina a partir

dos terminais nervosos, servindo-se dos transportadores de dopamina como veículo e a modafinila é classificada como estimulante atípico em função de sua estrutura química, seus mecanismos de ação farmacodinâmicas e pelos seus efeitos neurocomportamentais distintos dos estimulantes tradicionais.³⁶

Ambos medicamentos citados enquadram-se na categoria de tarja preta, que são aqueles entorpecentes ou psicotrópicos, das listas A1, A2, A3, B1 e B2, Que agem diretamente no sistema nervoso central estimulando a liberação e inibindo a recaptção dos neurotransmissores excitatórios, diminuindo as concentrações dos neurotransmissores inibitórios, bem como ativando os receptores alpha e beta adrenérgicos. Alguns dos efeitos adversos que podem ser causados por essa automedicação são a arritmia, ataque cardíaco, alucinações entre outros³⁷

A quantidade de medicamentos disponíveis no mercado é diversa, entre eles o Nootropil® (Piracetam), sendo que o mecanismo de ação ainda não é bem esclarecido. No entanto, é sabido que esta substância melhora a função da acetilcolina ativando os receptores colinérgicos muscarínicos na região do hipocampo, sendo assim o efeito de estimular o processo da memória.³⁸ O Stavigile® (Modafinila) é um medicamento que consiste em aumentar a liberação de dopamina, noradrenalina, serotonina e glutamato, além de diminuir a liberação de ácido gamaminobutírico (GABA) em diversas regiões cerebrais, provocando uma relação direta ao estado de alerta, que tem como resultado a ampliação da capacidade de concentração e a diminuição da necessidade do sono.³⁹

O Venvanse® (Dimesilato de lisdexanfetamina) tem como mecanismo de ação o bloqueio da recaptção da dopamina e aumento da liberação de dopamina e noradrenalina, estimulando o sistema nervoso central e favorecendo o aumento da atenção e a diminuição da impulsividade e da hiperatividade em pacientes com TDAH.⁴⁰ A Donepezila® (Cloridrato de donepezila) é um inibidor reversível e seletivo da acetilcolinesterase, que atua principalmente na colinesterase no cérebro.⁴¹ A Ritalina® (Metilfenidato), é indiscutivelmente o mais popular e o mais consumido no Brasil e no mundo.⁴² Esse psicoestimulante é um medicamento utilizado para o tratamento do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade-TDAH^{43 44 19}. No entanto, uso sem a finalidade de tratamentos de início mostra ser vantajoso, mas a longo prazo pode ocasionar sérios riscos ao cérebro, pois possui como efeitos colaterais o nervosismo e a insônia, e pode levar o usuário a ter alucinações e dependência do fármaco.

2.3 MOTIVAÇÃO PARA A AUTOMEDICAÇÃO

Segundo Bock, Gonçalves e Furtado (2007)⁴⁵, vivemos em uma sociedade capitalista, baseando-se na valorização do indivíduo e das características individuais, com isso surge a necessidade da busca por conhecimento. Com isso, o conhecimento do indivíduo está sempre sendo colocado em prova e requisitado. A inserção no mercado de trabalho inicia na escolha do curso, nos desempenhos e resultados ocorridos ao decorrer do mesmo, por isso é fácil conhecer universitários que fazem uso de substâncias que aumentem seu potencial de desenvolvimento estudantil.^{46 47} Em uma sociedade que busca respostas rápidas para os problemas que surgem no dia a dia, a automedicação é um hábito normal, seja para resolver questões físicas ou mentais e nos últimos tempos, para aumentar a capacidade de resolução de atividades no trabalho ou na faculdade.

A automedicação é um costume passado de geração para geração, com o intuito de resolver ou melhorar sintomas sem buscar os órgãos da saúde.⁴⁸ Por tanto a automedicação é uma prática perigosa, além do uso indevido pode ocasionar overdose. Outro fator que contribui para a automedicação é o nível de informação que o indivíduo possui, ou seja, quem possui o conhecimento maior sobre medicamentos sente-se mais confiante em realizar a prática entre eles os estudantes universitários da área da saúde, despertando e fazendo uso de psicotrópicos.⁴

O consumo de psicotrópicos e de psicoestimulante com a finalidade do aprimoramento das funções cognitivas é uma prática que vem crescendo entre os estudantes, principalmente por indivíduos saudáveis que visam o aperfeiçoar o funcionamento cognitivo, emocional e motivacional, principalmente pelo aumento da concentração, de organização e de vigília, a fim de melhorar o rendimento escolar ou a desempenho no trabalho.⁵⁰ Mesmo sendo um medicamento de uso controlado e sua venda sendo permitida apenas com receita médica e da retenção da mesma, o mesmo pode ser encontrado livremente pela internet de forma ilegal, levando ao uso indiscriminado por estudantes que afirmam que o medicamento “turbina” o cérebro, os ajudando a ter um nível de atenção e aprendizado maior do que o normal.^{51 52 53}

Por mais saúde mental dos universitários sempre foi pauta de debates e pesquisas, pois é de conhecimento geral que um dos pontos afetados ao entrar na universidade é o desgaste emocional que ocorre, por conta do despreparo para lidar com o aumento de responsabilidades.

Ansiedade, estresse e depressão são alguns dos diagnósticos apresentados por universitários após ingressar em contexto acadêmico.^{54 55} De acordo com estudos e pesquisas, o sofrimento mental dos estudantes universitários está relacionado a uma série de demandas características do contexto de ingresso na universidade, como por exemplo, a adaptação, suporte

social e as exigências relacionadas ao conteúdo abordado nas disciplinas.⁵⁶ Essas demandas já eram comuns de surgirem, mas tornou-se algo mais frequente após a covid-19, pois afetou tanto a saúde física como a mental. Uma pesquisa realizada pelo Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz), com a participação de pesquisadores do IOC e da Universidade Federal Fluminense (UFF), apontou que 45 % dos alunos foram diagnosticados com ansiedade generalizada e 17% com depressão durante o primeiro ano da pandemia, 60% relataram crises de ansiedade e dificuldade para dormir e 80 % com falta de motivação e problemas de concentração.⁵⁷

3 MATERIAL E MÉTODOS

Tratou-se de uma revisão integrativa com a realização de um estudo comparativo de artigos de caráter quantitativo e qualitativo. As pesquisas quantitativas e qualitativas são tipos de pesquisa que não se excluem, mas são usadas para edificar o campo científico, enquanto a quantitativa procura responder à pergunta “quanto”, a qualitativa baseia-se com o tipo de nacionalidade, assim, buscando responder à pergunta “como”.⁵⁸

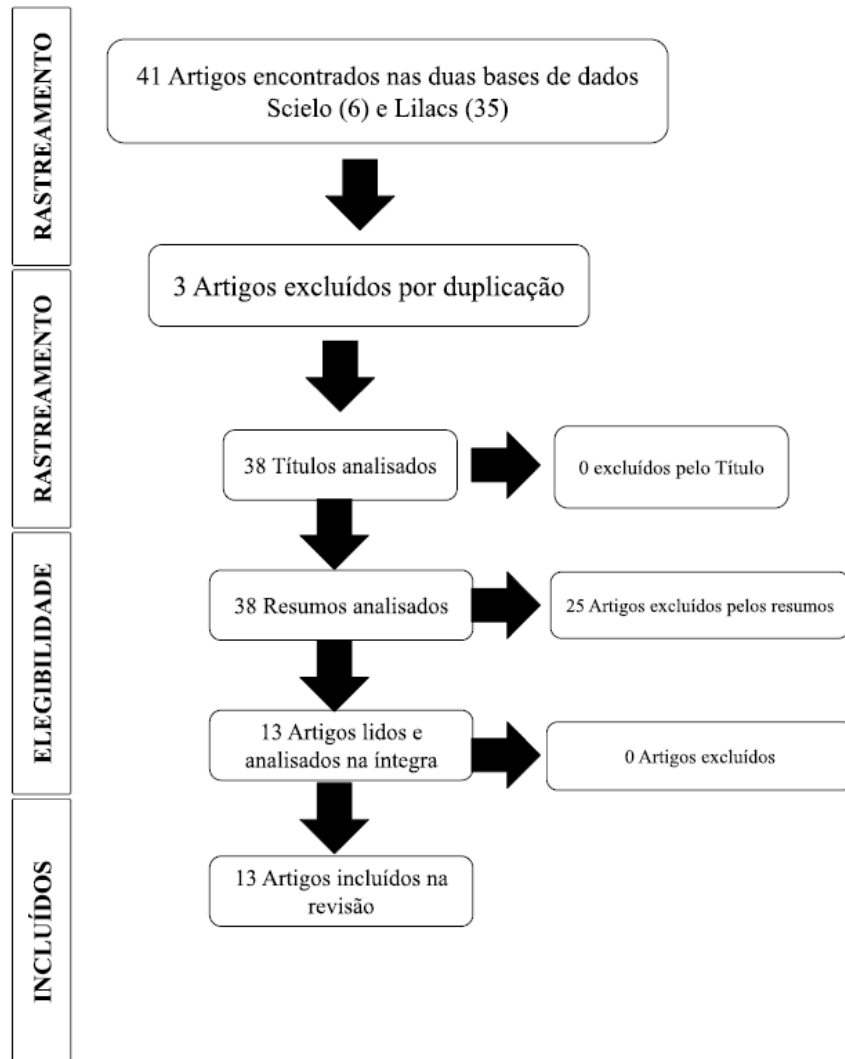
As amostras foram encontradas a partir de busca em artigos científicos captados de uma triagem de publicações segundo os descritores: automedicação, medicação, universitários, desempenho, com seus respectivos termos em inglês. No rastreamento das publicações foi utilizado o operador lógico “AND”, de modo a combinar os termos acima citados, considerando os seguintes critérios de inclusão: artigos completos que abordam a temática, estudos escritos em língua portuguesa, inglesa e espanhol, sem delimitação de tempo de publicação.

Foram excluídos da presente pesquisa, estudos cujo tema não abordaram o conteúdo necessário, teses, dissertações, resumos, trabalhos incompletos, artigos fora do período proposto e artigos pagos. A seleção dos artigos foi realizada em três etapas: primeira etapa: leitura dos títulos; segunda etapa: leitura dos resumos e terceira etapa: leitura na íntegra. A pesquisa foi realizada utilizando as bases de dados Scielo e Lilacs. Os dados foram tabulados em planilha do Excel para elaboração de tabelas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na busca de artigos voltados para o tema deste trabalho foi encontrado nas bases de dados Scielo e Lilacs 41 artigos, ao selecionar e aplicar os filtros de exclusão nos artigos encontrados foi selecionado 13 artigos que se encaixam ao objetivo do trabalho (figura 1).

Figura 1: Fluxograma da busca de artigos e critérios de seleção



Os resultados da análise dos artigos foram estruturados e apresentados de forma descritiva. Tais dados foram incluídos no quadro 1.

Quadro 1: Artigos selecionados após a utilização dos critérios de inclusão

Referência	Título Do Artigo	Objetivo	Resultados
Alviz-Amador; Bastos-Zayas; Garcia-Valdelamar, 2023.	Hábitos de consumo de medicamentos isentos de prescrição por estudantes de saúde em Cartagena-Colômbia.	Descrever os hábitos de consumo de medicamentos isentos de prescrição por universitários da área da saúde.	59 % eram mulheres, com idades entre 16 e 30 anos. 61 % dizem que se automedicam porque os males são leves e frequentes. Os medicamentos de maior consumo foram o acetaminofeno com 52,9 % e os anti-inflamatórios não esteroidais com 16,48 %.
Alfaro-Moura <i>et al.</i> , 2019.	Características da população universitária que recorre à automedicação na Costa Rica.	Determinar as características da população universitária que recorre à automedicação na Costa Rica.	Dos 277 inquéritos realizados, verificou-se a prevalência de automedicação de 56,68 por cento. A idade média das pessoas pesquisadas foi de 21 anos. Constatou-se que a maioria dos estudantes que se automedicavam eram provenientes da Faculdade de Ciências da Saúde com 61,40 %
Lima <i>et al.</i> , 2022.	Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas	Estimar a prevalência e fatores associados à automedicação entre estudantes de cursos de graduação do interior do Amazonas.	Dos 694 graduandos, 483 indicaram consumo medicamentoso. Destes, 80,1 % referiram automedicação. Os analgésicos foram os mais utilizados (51,8 %) e os motivos que mais levaram a se automedicarem foram os problemas álgicos (54,3%).
Aquino; Barros; Silva; 2022.	A automedicação e os acadêmicos da área de saúde.	Avaliar o comportamento dos futuros profissionais de saúde com relação à utilização de medicamentos, particularmente, à prática da automedicação.	65,5 % dos entrevistados confirmaram ter feito uso de medicamentos nos últimos quinze dias. 42,3 % por meio de uma prescrição médica e 57,7 % através da automedicação. Os medicamentos mais utilizados foram os analgésicos (24 %) e as vitaminas (18,9 %) e o motivo mais apontado foi a dor (30,5 %).
Galato; Madalena; Pereira; 2012.	Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação.	Investigar a influência da área de formação de universitários na prática da automedicação.	Foram entrevistados 342 universitários das diferentes áreas de formação, sendo 81 da área da saúde. Destes, 37 % referiram ter se automedicado nos últimos quinze dias. Neste período os problemas de saúde mais comuns para esta prática foram a dor em geral (90,4%)

			adotando-se principalmente analgésicos e antitérmicos.
Alves; Malafaia; 2014.	Automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Goiás.	Conhecer aspectos ligados à prevalência da automedicação e quais medicamentos são mais usados entre estudantes.	Dos participantes, 52,4 % eram do sexo masculino com média de idade foi de 21 anos. A prevalência geral da automedicação foi de 68,3 %. Os fatores que levam os acadêmicos da instituição investigada a utilizarem medicamentos sem prescrição são principalmente a orientação para a prática da automedicação provinda de fontes de informação não ligadas à área médica e sinais e/ou sintomas relacionados a afecções que causam cefaleias, febre e dores no corpo. Além disso, verificou-se a prevalência do uso de medicamentos da classe dos analgésicos, antipiréticos, antibióticos e anti-inflamatórios.
Silva <i>et al.</i> , 2013.	Prevalência de automedicação e os fatores associados entre os usuários de um Centro de Saúde Universitário.	Avaliar a prevalência de automedicação e os fatores associados a esta prática entre os usuários atendidos no Centro de Saúde Escola do Marco.	Observou-se maior prevalência de automedicação entre as mulheres (66,5 %). Além disso, os anti-inflamatórios não esteroides, remédios naturais e caseiros foram os fármacos não prescritos mais consumidos.
Schuelter-Trevisol <i>et al.</i> , 2011.	Automedicação em universitários.	Verificar a prática de automedicação e os fatores associados entre universitários.	A prevalência de automedicação foi de 72,5 %. Houve associação entre automedicação e o aluno estar cursando medicina, ser filho de profissional de saúde.
Delucia; Planeta; 1989.	Padrões de uso de psicoestimulantes e energizantes por universitários: análise do período 1983-1988.	Avaliar os padrões de uso de alguns medicamentos psicoativos, com ênfase aos psicoestimulantes e energizantes, em uma amostra de estudantes da área de biomédica da Universidade de São Paulo.	Os dados, quando comparados com o período de 1976-1981, mostraram que o uso de energizantes aumentou de 37% para 39%, enquanto que a utilização dos psicoestimulantes ou anorexígenos e dos ansiolíticos diminuiu, respectivamente, de 20% para 13% e de 22,5 para 13%.

Oliveira;Dutra; Fófano; 2023.	Consumo de psicoestimulantes por estudantes de medicina em um centro universitário privado.	Analisar o uso de psicoestimulantes por estudantes do curso de Medicina de um Centro Universitário privado em Minas Gerais.	Dos 244 entrevistados, cerca de 57.4% faziam uso de algum psicoestimulante. Houve maior uso entre os estudantes do 2º ano e as principais substâncias utilizadas foram cafeína (85%), energético (65%) e metilfenidato (60%). A melhora na concentração (97%) foi o efeito mais percebido pelos usuários, seguido de redução do sono (83%) e melhora de raciocínio (80%).
Sousa <i>et al.</i> , 2023.	Uso de substâncias psicoativas e rendimento acadêmico de universitários da área de saúde.	Verificar as substâncias psicoativas mais prevalentes entre alunos de cursos de graduação da área de saúde e a interferência destas no desempenho acadêmico.	65 alunos (56%) usavam analgésicos 54 (47 %) o álcool e 14 (12,2 %) a maconha. Não houve associação estatística entre o uso de substâncias psicoativas e o desempenho acadêmico.
Filho <i>et al</i> , 2002	Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí.	Realizou-se estudo com base populacional na cidade de Bambuí, MG, com cerca de 15.000 habitantes, para determinar a prevalência e os fatores associados ao uso de automedicação.	419 participantes (54,0%) relataram ter consumido exclusivamente medicamentos prescritos por médicos nos últimos 90 dias, 133 (17,2%) consumiram medicamentos prescritos e não prescritos, e 223 (28,8%) consumiram, exclusivamente, medicamentos não prescritos.
Campos <i>et al</i> 2017	Desempenho acadêmico de alunos que se submeteram a tratamento psiquiátrico no serviço de saúde mental para estudantes de uma universidade brasileira	Caracterizar os estudantes atendidos por psiquiatras em serviço universitário de saúde mental para alunos (SAPPE) e comparar seu desempenho acadêmico com o de alunos não pacientes.	37 % dos pacientes tiveram acompanhamento psiquiátrico e 4,5% fizeram tentativas de suicídio prévios ao atendimento pelo serviço. Os diagnósticos mais frequentes foram depressão (39,1%) e transtornos fóbico-ansiosos (33,2%). Transtornos mentais graves, como o psicótico (3,7%) e o bipolar (1,9%), foram menos frequentes.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

É notório que o aumento de trabalhos científicos voltado para estudo dos fenômenos sociais causados pela automedicação e suas consequências na saúde mental é algo atual, sendo possível notar isso por conta da pouca quantidade de artigos encontrados sobre o assunto. A partir da análise dos artigos, foi observado que a maioria dos estudos foi publicado entre os anos de 2019 a 2023 (n=7). A maioria dos artigos foram realizados no Brasil nos estados de Goiás, Amazonas, Recife, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais e Ceará (tabela 2).

Tabela 2: Porcentagem de automedicação por estado Brasileiro

Estado	Automedicação %
Ceará	99
Santa Catarina	96,5
Amazonas	80,1
São Paulo	72,5
Goiás	68,3
Recife	57,7
Minas Gerais	57,4

Fonte: Dados encontrados com a análise dos artigos.

A automedicação é um risco para a saúde pública e uma de suas consequências é a camuflagem de sintomas e agravamento de outras doenças. ⁴ No estudo realizado por Lima *et al* (2022)⁶¹ no interior do Amazonas a prevalência da automedicação foi de 80,1 %, dado semelhante pode ser encontrado no estudo realizado por Schuelter-Trevisol *et al.*, (2011)⁶² com o percentual de 72,5% que praticam a automedicação. Outro dado relevante sobre a automedicação pode ser encontrado na pesquisa realizada por Galato, Madalena e Pereira (2012)⁶³ com 384 estudantes no qual, 96,5 % já realizaram essa prática.

Ao realizar a construção do conhecimento em uma determinada área, o indivíduo entende que sabe o suficiente para fazer uso desse conhecimento para o seu próprio benefício, com essa pensamento os universitários da área da saúde encaixa-se perfeitamente com esse fato, pois somado com o conhecimento, com a facilidade de acesso aos medicamentos e com a grande diversidade disponíveis em venda livre, um fato que só aumenta com o passar dos anos e também com a facilidade do acesso de medicamentos com família, amigos e conhecidos ⁵⁹ com isso, ajuda no aumento exponencial na ação da automedicação, no entanto não é o único grupo que praticam a automedicação, a população mais carente com o intuito de tratar as dores do cotidiano realizam a automedicação sem o conhecimento de que essa ação pode acarretar futuras consequências.

Nos resultados da pesquisa de Alviz-Amador; Bastos-Zayas; Garcia-Valdelamar

(2023)⁶⁴ 92% dos entrevistados consideram que a automedicação ocorre por falta de conhecimento, dado esse que vai no sentido oposto de outros resultados como os encontrado por Filho *et al.*, (2002)⁶⁵, que apresenta em seu artigo que a automedicação é realizada com mais recorrência por pessoas que possui maior conhecimentos. No entanto, é importante ressaltar que ter conhecimentos sobre medicamentos não diminui os riscos da automedicação.

Com a análise dos dados foi possível notar que o gênero feminino é o que mais pratica a automedicação, essa afirmação pode ser comprovado com o resultado da pesquisa analisadas, por Alviz-Amador; Bastos-Zayas; Garcia-Valdelamar (2023)⁶⁴ o percentual correspondente ao gênero feminino foi de 83%, dados parecidos com o encontrado por Alfaro-Mora *et al.* (2019)⁶⁶ com o resultado 58,8% corresponde às mulheres e na pesquisa de Silva (2013)⁶⁷ o percentual encontrado foi de 66,5% de mulheres. O hábito da automedicação é um costume que ocorre independente da faixa etária, classe social ou gênero, com o intuito de aliviar os sintomas ou tratar doenças.⁴ No território brasileiro, apesar de existirem regras estabelecidas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) para a comercialização e divulgação de remédios que são vendidos sem receita médica, não há diretrizes nem recomendações para os consumidores⁶⁰ não existindo sequer um projeto para ensinar a população os perigos da automedicação.

Sobre a aquisição dos medicamentos na pesquisa realizada por Lima *et al.*, (2022)⁶¹, a principal forma de aquisição dos fármacos foi a partir da compra com 89,9% (n=545), dado que consolida a afirmação sobre a venda livre de medicamentos. As outras formas de aquisição foram com os familiares 5,0% (n=30), vizinho/amigo 2,6% (n=16), no hospital 0,8 % (n=5), nas unidades básicas de saúde 0,5% (n=3). Nos resultados encontrados por Aquino; Barros; Silva (2022)⁶⁸ 57,7% foram influenciados por parentes, amigos e balconistas de farmácias. Esses dados citados anteriormente podem ser comparados com os encontrados por Alviz-amador; Bastos-Zayas; Garcia-Valdelamar (2023)⁶⁴ que apresentou em sua pesquisa que 72,4 % adquiriram os medicamentos em farmácias, 14,7% em lojas e armazém, 7,1% com a família e 2,9% adquirido com amigos. Nos resultados da pesquisa de Alves; Malafaia (2014)⁶⁹ 44,5% receberam a indicação dos familiares, 21,5% tomaram por conta própria e apenas 13,9% procuraram orientação do farmacêutico.

Os sinais e sintomas mais comuns que levam à automedicação incluem dores leves, febre baixa, resfriados, dores de cabeça, dores musculares e problemas gastrointestinais como azia e indigestão. Embora esses sintomas possam parecer simples, é importante lembrar que podem ser causados por uma variedade de condições subjacentes, algumas das quais podem exigir tratamento específico.^{3 4 5}

Na pesquisa realizada por Alves; Malafaia (2014)⁶⁹ mostram que os sinais e sintomas mais comuns para a realização da automedicação são dor de cabeça (75,9%), gripe/resfriado (50,2%), dor de garganta (40,5%) e febre (35%). Esses dados encontrados são parecido com os de Alviz-Amador; Bastos-Zayas; Garcia-Valdelamar, (2023)⁶⁴ com a dor de cabeça (53,5%), sintomas gripais (20,2%), cólicas abdominais (14,1%), infecções (respiratórias e cardiovasculares) (7,5%) e dores musculares (4,5%).

Os dados obtidos nos estudos revelam que um dos motivos da automedicação é a dificuldade de acesso aos serviços públicos de saúde. Galato, Madalena e Pereira (2012)⁶³ relatam que um dos motivos para o alto índice de automedicação é a praticidade e comodidade (59,5%), a facilidade na compra dos medicamentos (48,7%) e falta de acesso aos serviços de saúde (6,1%). Dados esses que corroboram com Alviz-amador, Bastos-Zayas e Garcia-Valdelamar (2012)⁶⁴ que revelam que 79 % fazem o uso de medicamentos usados anteriormente, 12,6% aceitam indicação do farmacêutico após contar seus sintomas e 4,2% usam por recomendação de conhecido.

De acordo os resultados dos artigos analisados os principais tipos de medicamentos utilizados na automedicação, os anti-inflamatórios aparecem em primeiro lugar. De acordo com o estudo de Alfaro-Moura *et al* (2019)⁶⁶ 64 % dos participantes utilizavam anti-inflamatório. Silva *et al* (2013)⁶⁷ apresentou o percentual de 74,20 % para o uso de anti-inflamatório. O segundo tipo de medicamento mais usado pela população são os analgésicos com 51,8% dado que aparece na pesquisa de Lima *et al* (2022),⁶¹ corroborando com o resultado encontrado na pesquisa de Aquino, Barros, Silva (2022)⁶⁸ (24%) e na pesquisa de Schuelter-Trevisol *et al.*, (2011)⁶² (44,9%).

Entre os analgésicos a dipirona sódica é o medicamento mais citado pelos grupos estudados, pois é um medicamento útil e vantajoso para pessoas de baixa renda por conta da acessibilidade e rápida ação. Na pesquisa de Alves e Malafaia (2014)⁶⁹ a dipirona aparece com 29,8 % e o paracetamol com 26,8%. Nos dados de Galato, Madalena e Pereira (2012)⁶³ o paracetamol tem o percentual de 20,8%. Nos dos dados encontrados na pesquisa de Silva *et al.*, (2013)⁶⁷ que lista os medicamentos e sua prevalência mostra que os anti-inflamatórios apresentam 74,20%, antibióticos, antifúngicos, antiparasitarios com 1,70% e remédios caseiros que são usados com frequência para combater os sintomas de dor de cabeça, gripe/resfriado com 12,66%.

Em relação ao uso de psicoestimulantes, Oliveira, Dutra e Fófano (2023)⁷⁰ constataram que aproximadamente 57,4% dos entrevistados faziam uso dessas substâncias, sendo a cafeína, os energéticos e o metilfenidato os mais utilizados. Entretanto, o estudo histórico de Delucia e

Planeta (1989)⁷¹ mostrou mudanças nos padrões de uso de substâncias psicoativas ao longo do tempo, com um aumento no consumo de energizantes e uma diminuição no uso de psicoestimulantes e ansiolíticos entre os universitários nas décadas de 1980.

O estudo de Campos et al. (2017)⁷² destaca os desafios relacionados à saúde mental enfrentados pelos alunos universitários, mostrando que 37% dos pacientes buscam acompanhamento psiquiátrico, sendo os diagnósticos mais frequentes a depressão (39,1%) e transtornos fóbico-ansiosos (33,2%). Essas diferentes perspectivas enfatizam a complexidade dos desafios enfrentados pelos estudantes universitários e a necessidade de abordagens multifacetadas para promover a saúde e o bem-estar nesse grupo populacional. Sousa et al (2023)⁷³ complementa ao evidenciar que, embora não haja uma associação estatística entre o uso de substâncias psicoativas e o desempenho acadêmico, uma proporção significativa dos usuários avaliou seu desempenho como ruim ou regular. Essas diferentes perspectivas enfatizam a complexidade dos desafios enfrentados pelos estudantes universitários e a necessidade de abordagens multifacetadas para promover a saúde e o bem-estar nesse grupo populacional.

5 CONCLUSÃO

Após análise dos estudos, é notório que a automedicação é um fenômeno de grande recorrência, realizado por indivíduos de qualquer classe social, com aumento dessa prevalência ao ingressar na universidade. Os dados analisados indicam a necessidade de intervenção junto com a população sobre os prejuízos causados pela automedicação. Torna-se necessário a realização de novos estudos para caracterizar o padrão de uso dos medicamentos socialmente aceitos para a automedicação que podem causar danos com o consumo em longa duração.

A pesquisa destaca a relevância de abordar com cautela a prática da automedicação com esse grupo. Embora seja normal que estudantes universitários optem pela automedicação para lidar com sintomas corriqueiros, como estresse, dores leves e questões gastrointestinais, é fundamental reconhecer os perigos associados a essa conduta.

Desta maneira, a ausência de orientação profissional pode acarretar em consequências adversas, como efeitos colaterais severos, resistência aos fármacos e até complicações de saúde mais graves. Sendo assim, é primordial disseminar o conhecimento acerca dos riscos da automedicação e incentivar os universitários a buscar o devido acompanhamento médico para assegurar o tratamento seguro e eficaz de suas condições de saúde.

REFERÊNCIAS

1. Aguiar SM, Prevalência de sintomas de estresse nos estudantes de medicina. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria* [Internet]. 2009, v. 58, n. 1 [cited 2023 Setem 5], pp. 34-38. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852009000100005>.
2. Días ES, Gómez DA Una aproximación psicosocial al estrés escolar. *Educación y educadores* [Internet] 2007, 11-22 [Cited 2023 Agos 27] Available from: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0123-12942007000200002&lng=es&nrm=iso&tlng=es.
3. Aquino DSD, Barros JACD, Silva MDPD . A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva* [Internet] 2010 [cited 2023 Mai15] 2533-2538. Available from: <https://www.scielo.br/j/csc/a/kB6LHkhwPXqbz7QtmHJHQvz>)
4. Jesus APG, AS, Yoshida NCP, Freitas JCA. Prevalência da Automedicação entre acadêmicos de farmácia, medicina, enfermagem e odontologia. *Revista Estudos, Goiânia* [Internet] 2013 [cited 2023 Agost 27 p. 151-164 Available from: <http://seer.ucg.br/index.php/estudos/article/download/2718/1659>)
5. Loyola Filho AI, Uchoa E, Guerra LH, Firmo OAJ, Lima-Costa MF. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. *Rev Saúde Pública*; 2002 [cited 2023 Agos 27]. 55-62 p. Available from: www.fsp.usp.br/rsp)
6. Pereira, LMR, Loiola, E, Gondim, SMG. Aprendizagem de competências, suporte à transferência de aprendizagem e desempenho docente: evidências de validação de escala e teste de relações. *Organizações & Sociedade*, v.23, n.78, 2012 [cited 2023 Mai 22] p.438-459, Available from: <http://doi.org/10.1590/1984-92307856>)
7. Galli, F., Chirico, A., Mallia, L., Alivernini, F., Manganelli, S., Zelli, A., Hagger, M. S., & Lucidi, F. (2023). Identifying determinants of neuro-enhancement substance use in students: Application of an integrated theoretical model. *European Journal of Health Psychology*, 1-10 p 2022 [cited 2023 Set 05]. Available from <https://doi.org/10.1027/2512-8442/a000115>
8. Cata PBO Miranda VIA, Bertoldi AD. Psychostimulant Use for Neuroenhancement (Smart Drugs) among College Students in Brazil. *Substance Use and Misuse*, v. 55, n. 4, p. 613–621, 2019 [cited 2023 Set 18]. Available from: <https://js.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/61823/44528>
9. Cordeiro, N, Pinto, RMC, Consumo De Estimulantes Cerebrais Em Acadêmicos Da Área Da Saúde Na Cidade De Ponta Grossa-Pr. *Visão Acadêmica*, v. 18, n. 2, [Internet] 2017 [cited 2023 Mai 19] p.23–45, Available from: https://www.researchgate.net/publication/318717671_consumo_de_estimulantes_cerebrais_em_academicos_da_area_da_saude_na_cidade_de_ponta_grossa-pr
10. Nordon DG, Akamine K, Novo NF, Hübner C von K. Características do uso de benzodiazepínicos por mulheres que buscavam tratamento na atenção primária. *Rev psiquiatr Rio Gd Sul* [Internet]. 2009Sep;31(3):152–8. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0101-81082009000300004>

11. Katzung BG, Trevor AJ. Farmacologia básica e clínica. 12a ed. Porto Alegre: Artmed [Internet] 2014 [cited 2023 Jun 15] Available from: <https://edisciplinas.usp.br/mod/folder/view.php?id=3293913>

12. Freud, S. On Coca. In: Byck, R. (ed.). *Cocaine papers by Sigmund Freud* New York: Meridian, [Internet] 1924 [cited 2023 Mai 21] Available from: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Cocaine+papers+by+Sigmund+Freud+New+York%3A+Meridian&btnG=#d=gs_cit&t=1706102365348&u=%2Fscholar%3Fq%3Dinfo%3AIDhCFg5tR0kJ%3Ascholar.google.com%2F%26output%3Dcite%26scirp%3D0%26hl%3Dpt-br

13. Bernfeld S, Freud's studies on cocaine. In: Bilck R (ed.). *Cocaine papers by Sigmund Freud* New York: Meridian; 1975 [cited 2023 Jul 2]. Available from: <https://www.scielo.br/j/rba/a/qqx8CkVdmy36HWpxjM8QScK/?format=pdf&lang=en>

14. Barbosa AL de A, Anjos ABL dos, Azoni CAS. Impactos na aprendizagem de estudantes da educação básica durante o isolamento físico social pela pandemia do COVID-19. *CoDAS* [Internet]. 2022;34(4):e20200373. Available from: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20212020373>

15. Piaget J. O Juízo Moral na Criança. São Paulo: Summus [Internet] 1994 [cited 2023 Jun 24]. Available from: <https://www.scielo.br/j/ep/a/5V4PmjxtHpXg9ZgL8T6MHBf>.

16. Martins, Tiago André Portela, Bastos, Adriana Teixeira, Freitas, Ana Augusta Ferreira de, & Ibiapina, Iveltyma Roosemalen Passos. A percepção de aprendizagem na pós-graduação brasileira durante a pandemia de Covid-19. 100185[Internet] 2022 [cited 2023 Set 9]. Available from. *Actualidades Investigativas en Educación*, 22(2), 100-132. <https://dx.doi.org/10.15517/aie.v22i2.48709>

17. Pereira, LMR, Loiola, E, Gondim, SMG. Aprendizagem de competências, suporte à transferência de aprendizagem e desempenho docente: evidências de validação de escala e teste de relações. *Organizações & Sociedade*, v.23, n.78, p.438-459 [Internet] 2016 [cited 2023 Jun 10]. Available from: <http://doi.org/10.1590/1984-92307856>.

18. Ferreira RR. A medicalização nas relações saber-poder: Um olhar acerca da infância medicalizada. *Psicologia em Estudo*. p 587-598; 2015 [Internet] 2015 [cited 2023 Agost 10]. Available from: <https://www.researchgate.net/publication/307640952AMEDICALIZACAONASRELACOESSABER-PODERUMOLHARACERCADAINFANCIAMEDICALIZADA>

19. Silva, ABB. *Mentes inquietas: entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas*, Rio de Janeiro: Napedes [Internet] 2003 [cited 2023 Jun 15] Available from: <https://iessa.edu.br/revista/index.php/tcc/article/view/2253>

20. Tomé, FCP, Tomé, LA, Oliveira, MSR, Tomé, RL, Cheffer, MH. Uso de substâncias psicoativas por estudantes de medicina durante a pandemia do coronavírus. *Scientific Electronic Archives*, v.15, n.6, [Internet] 2022 [cited 2023 Jul 5] Available from: <http://doi.org/10.36560/15620221547>

21. Basso C, Lalla PG, Fabiani CL, Beatriz S. Marucia .B.Organização de tempo e métodos

de estudo: Oficinas com estudantes universitários. *Rev. bras. orientac. prof*, São Paulo , v. 14, n. 2, p. 277- 288 [Internet] 2013 [cited 2023 out 27] Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902013000200012

22. Patrícia A, Marucia P.B, Gabriel G.L, Schella G. Do trote à mentoria: levantamento das possibilidades de acolhimento ao estudante universitário. *Rev. bras. orientac. prof*, São Paulo , v. 15, n. 2, p. 143-152 [Internet] 2014 [cited 2023 Out 25] Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000200005

23. Oliveira RC, Nunes R. Melhoria cognitiva farmacológica: futuro promissor? Ou futuro inevitável?. *Rev Bioét* [Internet]. 2021 Jan;29(1):87–99. Available from: <https://doi.org/10.1590/1983-80422021291449>

24. Almeida LS, Soares AP. Os estudantes universitários: sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial. In: Mercuri E, Polydoro SAJ. *Estudante universitário: características e experiências de formação*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004. p.15-40.)

25. Santana LC, Ramos AN, Azevedo BL, Neves ILM, Lima MM, Oliveira MVM. Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes em Instituições de Ensino de Montes Claros/MG. *Rev. Bras. Educ. Med.*, Brasília, v.44, n.1, p.1-8, [Internet] 2020 [cited 2023 Nov 6] Available from: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/gG3sNdbPL4fwJJP36Ph8Rss>.

26. Rabiner DL, Anastopoulos AD, Costello EJ, Hoyle RH, McCabe SE, Swartzwelder HS. Motives and perceived consequences of nonmedical ADHD medication use by college students: Are students treating themselves for attention problems? *J. Atten. Disord.*, v.13, p.259-270 [Internet] 2009 [cited 2023 Ago 4] Available from: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1087054708320399>

27. Bru GS. Uso de psicotrópicos: usuários, prescrições e prescritores. Estudo na cidade de Mar del Plata, Argentina (2021-2022). *Saude soc* [Internet]. 2024;33(1):e220654pt. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902024220654pt>

28. Morgan HL, Petry AF, Licks Pak, Ballester AO, Teixeira KN, Dumith SC. Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes de Medicina de uma Universidade do Extremo Sul do Brasil: Prevalência, Motivação e Efeitos Percebidos. *Rev Bras Edu Med* 41. p.102-109 [Internet] 2017 [cited 2023 Maio 22] Available from: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/thtr6bKtgJ9X3PwNh7pB8jN/abstract/?lang=pt>

29. Silverira VI, Oliveira RJF, Caixeta MR, Andrade BBP, Siqueira RGL, Santos GB. Uso de psicoestimulantes por acadêmicos de medicina de uma Universidade do Sul de Minas Gerais. *Rev Univ Vale Rio Verde* [Internet] 2015 [cited 2015 Maio 23], 186-192 Available from: <file:///home/lenovo01/Downloads/e30119.pdf>

30. Franco NR, Franco Netto J, Silva JNZ, Silva SM, Vaz LHS, Agüero MAF, et al. Incidência del uso no prescrito del Metilfenidato entre Estudantes de Medicina. *Rev Inst. Med. Trop* [Internet] 2018 [cited 2023 Ago 7] 16-22. Available from: [10.18004/imt/20181316-22](https://doi.org/10.18004/imt/20181316-22)

31. Jain R, Chang C, Koto M, Geldenhuys A, Nichol R, Joubert G. Non-medical use of methylphenidate among medical students of the University of the Free State. *S Afr J Psychiat*

2017; 23: a1006. [Internet] 2017 [cited 2023 Ago 5] Available from: [10.4102/sajpsychiatry.23.1006](https://doi.org/10.4102/sajpsychiatry.23.1006)

32. Acosta DL, Fair CN, Gonzalez CM, Iglesias M, Maldonado N, Schenkman N, et al. Nonmedical use of d-Amphetamines and Methylphenidate in Medical Students. *PRHSJ* [Internet] 2019 [cited 2023 Mai 15] 38(3): 185-188. Available from: <https://doi.org/10.1159/000515363>

33. Brasil. [Poder Executivo, Portaria Ministerial nº 6 de 29 de janeiro de 1999, Aprova a Instrução Normativa da Portaria SVS/MS nº 344 de 12 de maio de 1998 que institui o Regulamento Técnico das substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial [Internet] 1999, Brasília, DF, Diário Oficial da União [cited 2023 Jun 12] Available from: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/svs/1998/prt0344_12_05_1998_rep.html.

34. Abbasi-Gharamanloo A, Fotouhi A, Zeraati H, Rahimi-Movaghar A. Prescription drugs, alcohol, and illicit substance use and their correlations among medical sciences students in Iran. *Int J High Risk Behav Addict* [Internet]. 2015 [cited 2023 Mai 30] 4: e 21945. Available from: <https://doi.org/10.1007/s12073-015-0393-2> Prescription Drugs Alcohol and Illicit Substance Use and Their Correlations Among Medical Sciences Students in Iran

35. Kodama, Tohru et al. Oral Administration of Methylphenidate (Ritalin) Affects Dopamine Release Differentially Between the Prefrontal Cortex and Striatum: A Microdialysis Study in the Monkey. *The Journal of Neuroscience* [Internet]. 2017 v. 37, n. 9, p.2387- 2394 [cited 2023 Maio 22]. Available from: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28154152/>.

36. Galamba M. A. F. Uso terapêutico e recreacional de anfetaminas e derivados - riscos e benefícios. [Internet] 2017. p 57. Teste (Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas) - Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, Almada, Portugal [cited 2023 Out 25]. Available from: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/20183/1/Galamba_Maria_Am%20c3%a9lia_Fialho.pdf

37. Loyola Filho AI de, Uchoa E, Guerra HL, Firmo JOA, Lima-Costa MF. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. *Rev Saúde Pública* [Internet]. 2002 Feb;36(1):55–62. [cited 2023 Agos 5] Available from: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102002000100009>

38. Carton, Louise et al. Pharmaceutical cognitive doping in students: A chimeric way to get-a-head? *Therapies* [Internet]. 2018 [cited 2023 Maio 12]; v. 73, n. 4, p.331-339. Available from: https://www.researchgate.net/publication/323574982_Cognitive_doping_in_students_A_chimerical_way_to_get_full_head

39. Zaharna EM, Dimitriu A, Guilleminault C. Expert opinion on pharmacotherapy of narcolepsy. *Expert Opin Pharmacother* [Internet]. 2010 [cited 2023 Out 27] Available from: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462010000300016>.

40. Venvanse® (dimesilato de lisdexanfetamina) Shire Farmacêutica Brasil Ltda. 12/11/2018.)

41. Rang, R, Ritter, JM, Flower, RJ, Henderson, G. Rang & dale farmacologia. Elsevier Brasil [Internet] 2015 [cited 2023 Out 23] Available from: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/crt-852>
42. Gonçalves, CS, Pedro, RMLR. “Drogas da Inteligência?”: cartografando as controvérsias do consumo da Ritalina® para o aprimoramento cognitivo. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, [Internet] 2018 [cited 2023 jul 10], 8(2), 71-94. Available from: 10.26864/pcs.v8.n2.5
43. Domingos, N. & Risso, K. R. (2000). O transtorno de déficit de atenção e a hiperatividade infantil. Em: E.F.M. Ferreira (Org.). *Estudos de caso em psicologia clínica comportamental infantil* (2ª ed.) (pp. 63-83). Campinas: Papyrus.
44. Graeff RL, Vaz CE. Avaliação e diagnóstico do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). *Psicol USP* [Internet]. 2008 [cited 2019 Jul 9](3):341–61. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642008000300005>
45. Bock, A. M. B., Ferreira, M. R., Gonçalves, M. G. M., & Furtado, O. (2007). Sílvia Lane e o projeto do “Compromisso Social da Psicologia”. *Psicologia & Sociedade*, 19(spe2), 46-56.
46. Salata A. Ensino Superior no Brasil das últimas décadas: redução nas desigualdades de acesso?. *Tempo soc* [Internet]. 2019 [cited 2023 Maio 30] (2):219–53. Available from: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.125482>
47. Fresneda B. Transição da escola para o trabalho e estratificação social. *Revista Segurança Urbana e Juventude*, UNESP Araraquara [Internet] 2009 [cited 2023 Out 28] Available from: <https://periodicos.fclar.unesp.br/index.php/seguranca/article/viewFile/2383/1917>.
48. Dias CA, Avanzi SA, Silva LOL e, Brandão MBF, Rodrigues SM. Importância do apoio familiar no período gravídico-gestacional sob a perspectiva de gestantes inseridas no PHPN. *Rev. Saúde Col. UEFS* [Internet]. 14º de julho de 2019 [citado 25º de abril de 2024];9:55-62. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/saudecoletiva/article/view/3739>
49. Barros D, Ortega F. Metilfenidato e aprimoramento cognitivo farmacológico: representações sociais de universitários. *Saude soc* [Internet]. 2011 Apr;20(2):350–62. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902011000200008>
50. Araújo, L., & Rodrigues, M. D. L. (2017). Modelos de análise das políticas públicas. *Sociologia, problemas e práticas*, (83), 11-35.
51. Praxedes MDS, Figuerêdo GS. O Uso De Metilfenidato Entre Estudantes Universitários No Brasil: Uma Revisão Sistemática. *Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança* [Internet] 2021 v. 19, n. 1, p. 39–49 [Cited 2023 Ago 24] Available from: <https://revista.facene.com.br/index.php/revistane/article/view/669/454>
52. Ibrahim, A. S., Khaled, H. M., Mikhail, N. N., Baraka, H., & Kamel, H. (2014). Cancer incidence in Egypt: results of the national population-based cancer registry program. *Journal of cancer epidemiology*, 2014.

53. Oliveira CGA. Utilização De Metilfenidato, Lisdexanfetamina E Modafilina Como Drogas Amplificadoras Do Conhecimento: Estudo Do Perfil De Dispensação Em Uma Farmácia Comunitária Do Interior Do Rio De Janeiro. *Acta Biomédica Brasiliensia* [Internet] 2017 v. 8, n. 1, p. 152 [2023 Maio 29] Available from: file:/home/lenovo 01/Downloads/Dialnet-Utilização Metilfenidato Lisdexanfetamina Modafili-6060928.pdf
54. Mahmoud JSR, Staten R T, Hall, LENNIE TA. The relationship among young adult college students' depression, anxiety, stress, demographics, life satisfaction, and coping styles. *Issues in Mental Health Nursing* [Internet] 2012 , 33(3), 149-156. [cited 2023 Out 25] Available from: <https://www.scirp.org/reference/referencespapers?referenceid=3234292>
55. Persaud N, Persaud I. The Relationship between socio-demographics and stress levels, stressors, and coping mechanisms among undergraduate students at a university in Barbados. *International Journal of Higher Education*, [Internet] 2016 5(1), 11-27. [cited 2023 Out 27] Available from: https://www.researchgate.net/publication/283076403_Persaud_N_Persaud_I_2016_The_relationship_between_socio-demographics_and_stress_levels_stressors_and_coping_mechanisms_among_undergraduate_students_at_a_university_in_Barbados_International_Journal_of
56. Padovani RC, Neufeld CB, Maltoni, J.Barbosa, LNF, Souza WF, Cavalcanti HAF, Lameu JN. Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas* [Internet] 2014 10(1), 02-10 [cited 2023 Agos 10] Available from: <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20140002>.
57. COSTA, Fernanda Benquerer. A saúde mental em meio à pandemia de Covid-19 Organização Panamericana da Saúde. Pandemia de COVID-19 aumenta fatores de risco para suicídio. World Health Organization.Conselho Federal de Enfermagem. Guia de saúde mental pós-pandemia no Brasil, 2021.
58. Günther H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?. *Psic: Teor e Pesq* [Internet]. 2006 May;22(2):201–9. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200010>
59. Nitschke CAS. Estudo sobre o uso de medicamentos em quatro bairros de Porto Alegre. *Rev AMRIGS* 1981; 25: 184-9.
60. Naves J de OS, Castro LLC de, Carvalho CMS de, Merchán-Hamann E. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2010Jun;15:1751–62. Available from: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000700087>
61. Lima PAV, Costa RD, Silva MP da, Souza Filho ZA de, Souza LPS e, Fernandes TG, et al.. Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas. *Acta paul enferm* [Internet]. 2022;35:eAPE039000134. Available from: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO000134>
62. Schuelter-Trevisol, F., Trevisol, D. J., Jung, G. S., & Jacobowski, B. (2011). Automedicação em universitários. *Rev. Bras. Clin. Med*, 9(6), 414-417.
63. Galato, D., Madalena, J., & Pereira, G. B. (2012). Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17, 3323-3330.

64. Alviz-Amador; Bastos-Zayas; Garcia-Valdelamar. Hábitos de consumo de medicamentos isentos de prescrição por estudantes de saúde em Cartagena-Colômbia. *Univ. Salud* [online]. 2023, vol.25, n.2, pp.9-18. Epub May 05, 2023. ISSN 0124-7107. <https://doi.org/10.22267/rus.232502.300>.
65. Loyola Filho AI de, Uchoa E, Guerra HL, Firmo JOA, Lima-Costa MF. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. *Rev Saúde Pública* [Internet]. 2002Feb;36(1):55–62. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102002000100009>
66. Mora R, Monge-Guerrero A, Jerez-Zamora M, Campos-Campos P, Pérez-Mora F. Características de la población universitaria que recurre a la automedicación en Costa Rica. *Revista Cubana de Salud Pública* [Internet]. 2019 [citado 7 May 2024]; 45 (3) Disponible en: <https://revsaludpublica.sld.cu/index.php/spu/article/view/1302>
67. Silva JD, Gomes AL, Oliveira JD, Sasaki YD, Maia BT, Abreu BM. Prevalência de automedicação e os fatores associados entre os usuários de um Centro de Saúde Universitário. *Rev Bras Clin Med*. 2013 Jan;11(1):27-30.
68. Aquino DS, Barros JA, Silva MD. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2010;15:2533-8.
69. de Araújo Alves T, Malafaia G. Automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Goiás. *ABCS Health Sciences*. 2014 Nov 14;39(3).
70. Oliveira FS, Dutra HF, Fófano GA. Consumo de psicoestimulantes por estudantes de medicina em um centro universitário privado. *Revista Científica da Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás “Cândido Santiago”*. 2023 Aug 25;9:1-5.
71. Delucia R, Planeta CD. Padrões de uso de psicoestimulantes e energizantes por universitários: análise do período 1983-1988. *Rev. ABP-APAL*. 1989:111-3.
72. Campos CRF, Oliveira MLC, Mello TMVF de, Dantas C de R. Academic performance of students who underwent psychiatric treatment at the students’ mental health service of a Brazilian university. *São Paulo Med J* [Internet]. 2017 Jan;135(1):23–8. Available from: <https://doi.org/10.1590/1516-3180.2016.017210092016>
73. Sousa FMA de, Sousa LMD de, Aragão JMN, Oliveira EN, Almeida PC de, Bezerra SMN, et al.. Uso de Substâncias Psicoativas e Rendimento Acadêmico de Universitários da Área de Saúde. *Cogitare Enferm* [Internet]. 2023;28:e87063. Available from: <https://doi.org/10.1590/ce.v28i0.87063>